

A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

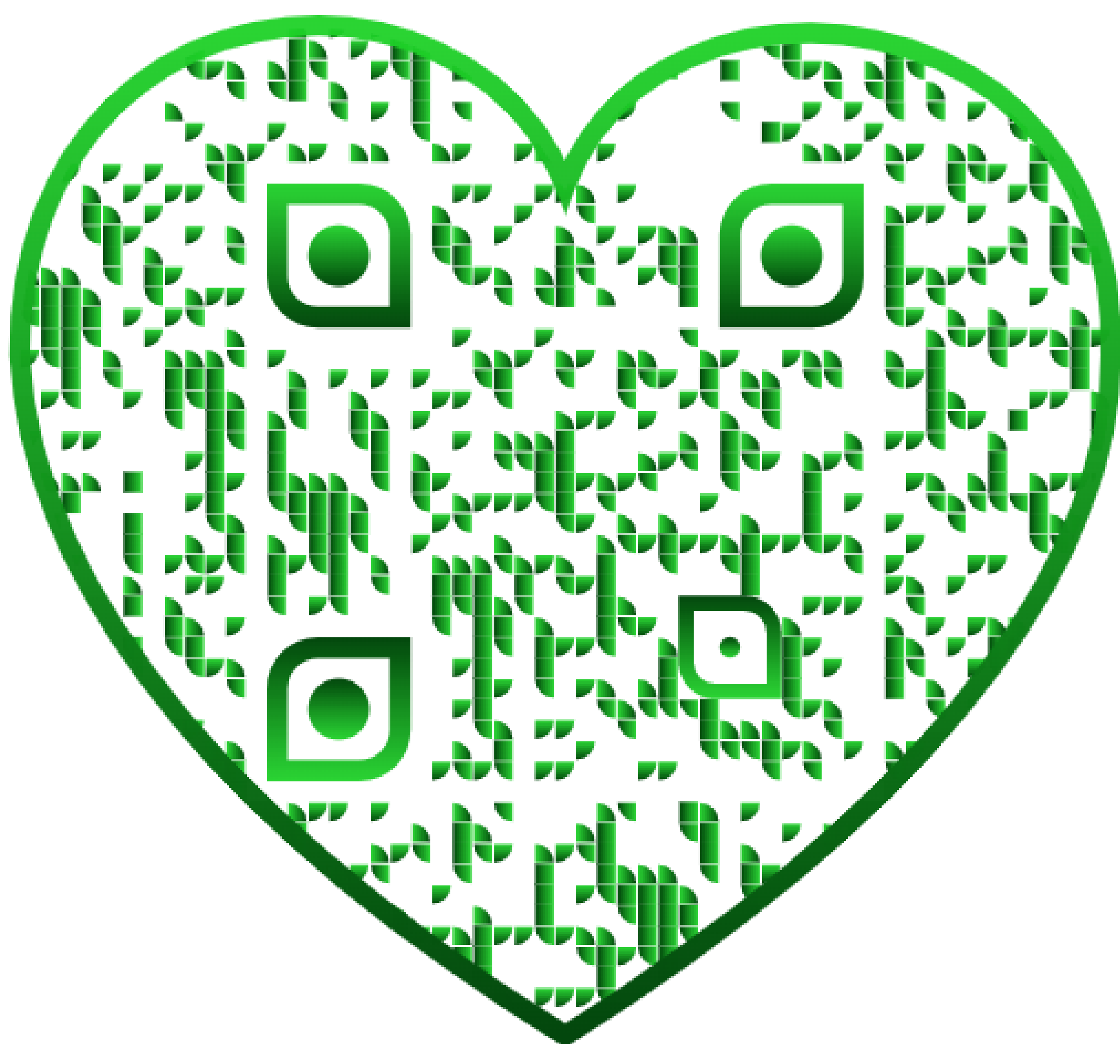
AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 1

O que realmente aconteceu no Peru

CASSANDRA CLARE
e
SARAH REES BRENNAN





A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 1

O que realmente aconteceu no Peru

CASSANDRA CLARE
e
SARAH REES BRENNAN

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la, ou aos que pretendem verificar sua qualidade antes de faze-lo.
Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e deseja e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com



Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

O que realmente aconteceu no Peru

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra
C541c As crônicas de Bane [recurso eletrônico]: o que realmente aconteceu no Peru / Cassandra Clare, Sarah Rees Brennan; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (As crônicas de Bane ; 1)

Tradução de: The Bane chronicles: what really happened in Peru
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501404770 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brennan, Sarah Rees. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

13-01841 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Foi um momento triste na vida de Magnus Bane aquele em que foi banido do Peru pelo Alto Conselho de feiticeiros peruanos. Não apenas porque os pôsteres com sua foto, distribuídos pelo Submundo do Peru, eram horrorosos, mas porque o país era um de seus lugares favoritos. Lá tinha vivido muitas aventuras, e guardava ótimas lembranças, a começar pela de 1791, quando convidou Ragnor Fell para uma animada viagem turística a Lima.

1791

Magnus acordou no hotel de beira de estrada nos arredores de Lima, e, após vestir um colete bordado, calções até o joelho e sapatos afivelados brilhantes, saiu em busca do café da manhã. Em vez disso, encontrou sua anfitriã, uma mulher roliça cujos longos cabelos estavam cobertos por uma mantilha preta, imersa em uma conversa profunda e séria com uma das camareiras a respeito de um recém-chegado ao hotel.

— Acho que é um monstro marinho. — Ouviu a anfitriã sussurrar. — Ou um tritão. Será que conseguem sobreviver em terra firme?

— Bom dia, senhoras — cumprimentou Magnus. — Parece que meu convidado chegou.

Ambas as mulheres piscaram duas vezes. Magnus atribuiu a primeira piscada a seus trajes vívidos, e a segunda, mais lenta, ao que tinha acabado de dizer. Acenou alegremente e atravessou as amplas portas de madeira e o pátio até o salão comunal, onde encontrou o feiticeiro Ragnor Fell ao fundo, com uma caneca de *chicha de molle*.

— Quero o mesmo que ele. — Magnus fez o pedido à servente. — Não, espere um pouco. Quero três do que ele está tomando.

— Diga que quero o mesmo — disse Ragnor. — Só consegui esta bebida depois de muito apontar.

Magnus assentiu e, quando se virou, viu que o velho amigo parecia o mesmo: pessimamente vestido, profundamente sombrio e com a pele muito esverdeada. Magnus costumava agradecer por sua marca de feiticeiro não ser tão óbvia. Às vezes, era inconveniente ter olhos verde-dourados e pupilas em fenda como de um gato, mas um simples feitiço de disfarce era capaz de esconder isso e, na pior das hipóteses, bem, havia muitas moças — e rapazes — que não se importavam.

— Sem feitiço de disfarce? — perguntou Magnus.

— Você disse que queria que eu o acompanhasse em viagens que seriam uma rodada incessante de orgias — disse Ragnor.

Magnus sorriu.

— Disse! — Então fez uma pausa. — Perdoe-me. Não entendi a ligação.

— Descobri que tenho mais sorte com as mulheres quando estou em meu estado natural — revelou Ragnor. — Moças gostam de variedade. Havia uma

mulher na corte de Luís, o Rei Sol, que dizia que ninguém se comparava a seu "querido repolhinho". Ouvi dizer que é uma expressão carinhosa muito popular na França. Tudo graças a mim.

Ele falava no mesmo tom taciturno de sempre. Quando as bebidas chegaram, Magnus as pegou.

— Precisarei de todas elas. Por favor, traga mais para o meu amigo.

— Havia também uma mulher que me chamava de sua doce ervilhinha de amor — prosseguiu Ragnor.

Magnus deu um gole longo e restaurador, olhou para o sol lá fora e para as bebidas e se sentiu melhor em relação ao cenário.

— Parabéns. E bem-vindo a Lima, Cidade dos Reis, minha doce ervilhinha.

Depois do café, que consistiu em cinco drinques para Ragnor e 17 para Magnus, ele levou Ragnor em um tour por Lima, da fachada dourada, curva e entalhada no palácio do arcebispo às construções coloridas da praça, com as varandas elaboradas praticamente obrigatórias onde os espanhóis outrora executavam criminosos.

— Pensei que seria agradável começar pela capital. Além disso, já estive aqui antes — declarou Magnus. — Há mais ou menos cinquenta anos. Foi muito agradável, exceto pelo terremoto que quase engoliu a cidade.

— Você teve alguma coisa a ver com aquele terremoto?

— Ragnor! — Magnus censurou o amigo. — Não pode me culpar por todos os desastres naturais que ocorrem!

— Você não respondeu à pergunta — disse Ragnor, e suspirou. — Estou confiando que será... mais confiável e menos espontâneo do que normalmente — alertou, enquanto caminhavam. — Não falo a língua local.

— Então não fala espanhol? — perguntou Magnus. — Ou não fala quíchua? Ou aymara?

Magnus tinha perfeita noção de que era um estranho em todos os lugares que visitava, e tinha o cuidado de aprender todas as línguas de seus destinos, para poder viajar para onde quisesse. Espanhol foi o primeiro idioma que aprendeu, depois da língua materna. Esta era a única que não falava com frequência. Lembrava a mãe e o padrasto — lembrava o amor, as orações e o desespero de sua infância. As palavras da terra natal pesavam em sua boca, como se tivesse que ser sincero e sério quando as pronunciasse.

(Havia outras línguas — purgatês, geênico e tartariano — que aprendera para se comunicar com os habitantes dos reinos demoníacos e que era forçado a utilizar com frequência em sua profissão. Mas elas lembravam seu pai biológico, e essas memórias eram ainda piores.)

Sinceridade e gravidade, na opinião de Magnus, eram superestimadas, assim como ser forçado a reviver lembranças desagradáveis. Preferia entreter e ser entretido.

— Não falo nenhum desses idiomas — disse Ragnor. — Mas devo saber falar tolo-tagarelês, considerando que eu o compreendo.

— Isso magoou e foi desnecessário — observou Magnus. — Mas, claro, pode confiar completamente em mim.

— Só não me deixe aqui sem guia. Precisa jurar, Bane.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Tem minha palavra de honra!

— Eu o encontrarei — alertou Ragnor. — Encontrarei qualquer baú de roupas ridículas que você tem. E levarei uma lhama ao local em que você dorme para me certificar de que o bicho urine em tudo o que possui.

— Não há razão para se irritar — disse Magnus. — Não se preocupe. Posso ensinar todas as palavras que precisa conhecer agora mesmo. Uma delas é *fiesta*.

Ragnor franziu a testa.

— O que significa?

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Significa "festa". Outra palavra importante é *juerga*.

— O que essa quer dizer?

Magnus ficou calado.

— Magnus — disse Ragnor, com tom de voz severo. — Essa palavra também significa "festa"?

Magnus não conseguiu conter o sorriso malicioso que se abriu em seu rosto.

— Eu pediria desculpas — respondeu —, exceto que não me arrependo nem um pouco.

— Tente ser mais razoável — sugeriu Ragnor.

— Estamos de férias! — disse Magnus.

— Você vive de férias — observou o outro. — Está de férias há trinta anos!

Era verdade. Magnus não se fixara em lugar algum desde a morte da amante — não foi sua primeira amante, mas foi a primeira com quem viveu, e que morreu em seus braços. Magnus pensara nela com tanta frequência que a menção do nome já não o magoava, e ele se recordava do rosto dela como da beleza distante das estrelas — não podia tocá-lo, mas brilhava diante de seus olhos à noite.

— Não me canso de viver aventuras — comentou Magnus. — E as aventuras não se cansam de mim.

Ele não fazia ideia de por que o amigo suspirou novamente.

A natureza desconfiada de Ragnor continuava deixando Magnus triste e decepcionado, como quando visitaram o lago Yarinacocha e os olhos do amigo se estreitaram quando perguntou:

— Esses golfinhos são *cor-de-rosa*?

— Já eram cor-de-rosa quando cheguei! — exclamou Magnus, indignado.

Então fez uma pausa e refletiu. — Tenho quase certeza.

Foram da *costa* à *sierra*, vendo todas as belezas do país. O local preferido de Magnus, provavelmente, foi a cidade de Arequipa, um pedaço da lua feito de rocha vulcânica que, quando tocada pelo sol, brilhava com uma cor branca tão deslumbrante e cintilante quanto a lua na água.

Lá havia uma jovem muito atraente, que, no fim, decidiu que preferia Ragnor. Magnus poderia ter vivido a vida inteira sem se envolver em um triângulo amoroso de feiticeiros, nem ouvir o termo "adorável homem planta" declamado em francês, que Ragnor compreendia muito bem. Ragnor, no entanto, pareceu muito satisfeito e, pela primeira vez, não aparentou se arrepender de ter aceitado a convocação de Magnus a Lima.

No fim, Magnus só conseguiu convencer Ragnor a deixar Arequipa apresentando-lhe outra adorável jovem, Giuliana, que sabia se deslocar na floresta tropical e garantiu que conseguiria levá-los até a *ayahuasca*, uma planta com propriedades mágicas extraordinárias.

Mais tarde, ao ser levado pelos campos verdejantes da floresta Manu, Magnus se arrependeu de ter escolhido este chamariz. Era tudo verde, verde, verde, onde quer que olhasse. Até seu companheiro de viagem.

— Não gosto da floresta tropical — lamentou-se Ragnor.

— É porque você não se abre a novas experiências como eu!

— Não, porque é mais úmida do que as axilas de um javali e duas vezes mais fedida.

Magnus afastou a folhagem que lhe caía sobre os olhos.

— Admito que você tem um ótimo argumento e oferece uma excelente imagem mental com suas palavras.

Na verdade, a floresta não era confortável, mas ainda assim era maravilhosa. A vegetação rasteira verde e densa parecia diferente das folhas delicadas nas árvores mais altas, as formas brilhantes de algumas plantas balançando suavemente nos fios de outras, que lembravam cordas. O verde que os cercava era interrompido por formas brilhantes e repentinas: a explosão de flores vívidas e os movimentos que indicavam animais em vez de plantas.

Magnus ficou particularmente encantado com a visão dos macacos-aranhas acima deles, elegantes e lustrosos com longos braços e pernas abertos como estrelas sobre as árvores, e com a timidez veloz dos macacos-esquilos.

— Imagine — disse Magnus. — Eu com um macaquinho como amigo. Poderia ensinar truques a ele. E vesti-lo com uma jaqueta. Ele poderia se parecer comigo! Só que mais em forma de macaco.

— Seu amigo ficou louco e vertiginoso com a altitude — anunciou Giuliana. — Estamos muitos metros acima do nível do mar.

Magnus não sabia ao certo por que tinha levado uma guia, exceto pelo fato de que parecia acalmar Ragnor. Talvez outras pessoas seguissem, obedientes, os

guias até locais estranhos e potencialmente perigosos, mas Magnus era um feiticeiro completamente preparado para uma batalha mágica com um demônio jaguar, se fosse preciso. Seria uma ótima história, que poderia impressionar algumas damas que não se sentissem inexplicavelmente atraídas por Ragnor. Ou alguns cavalheiros.

Absorto em coletar frutas e contemplar sobre demônios jaguar, em determinado momento Magnus olhou em volta e se viu separado dos companheiros — perdido na selva verde.

Parou e admirou as bromélias, flores imensas e iridescentes como vasilhas de pétalas, brilhando com cor e água. Havia sapos no interior cintilante das flores.

Então ergueu o olhar para os olhos redondos e marrons de um macaco.

— Olá, companheiro — disse Magnus.

O macaco emitiu um ruído terrível, meio rosnado e meio sibilo.

— Estou começando a questionar a beleza da nossa amizade — falou Magnus.

Giuliana os havia alertado para não recuarem quando os macacos se aproximassem, mas sim ficarem parados e manterem um ar calmo de autoridade. Este macaco era maior do que os outros que Magnus tinha visto, com ombros mais largos e pelo grosso, quase negro; um bugio, recordou o feiticeiro.

Ele arremessou um figo para o animal. O macaco pegou.

— Pronto — disse Magnus. — Vamos considerar o assunto resolvido.

O macaco avançou, mastigando ameaçadoramente.

— Não sei o que estou fazendo. Sabe, gosto da vida na cidade — observou Magnus. — As luzes brilhantes, as constantes companhias, a diversão líquida. A ausência de macacos que aparecem sem ser esperados.

Ele ignorou o conselho de Giuliana e deu um passo rápido para trás, então jogou mais um pedaço de fruta. Desta vez, o macaco não mordeu a isca. Ele se encolheu e rosnou, e Magnus deu vários outros passos para trás até bater em uma árvore.

Magnus cambaleou com o impacto e ficou brevemente agradecido por não ter ninguém olhando e esperando que fosse um feiticeiro sofisticado, então o macaco partiu para o ataque direto em seu rosto.

Ele gritou, girou e correu pela floresta. Nem mesmo pensou em largar as frutas. Elas caíam uma a uma em uma cascata colorida enquanto corria para se salvar da ameaça simiana. Ouviu o animal perseguindo-o e fugiu mais depressa, até todas as frutas caírem e ele dar de cara com Ragnor.

— Cuidado! — censurou o outro.

— Em minha defesa, você está muito bem camuflado — observou Magnus, e, em seguida, detalhou duas vezes a aventura com o macaco, uma vez em espanhol para Giuliana, e outra em inglês para Ragnor.

— Mas é claro que devia ter se esquivado de uma vez do macho dominante

— disse Giuliana. — Você é idiota? Tem muita sorte por ele ter se distraído com as frutas e não ter rasgado seu pescoço. Achou que estivesse tentando roubar as fêmeas dele.

— Perdoe-me, mas não tivemos tempo de trocar esse tipo de informação pessoal — respondeu Magnus. — Não tinha como eu saber! Além do mais, gostaria de garantir a vocês que não fiz nenhuma investida amorosa para cima de macaca alguma. — Fez uma pausa e deu uma piscadela. — Na verdade, não encontrei nenhuma, então nem sequer tive chance.

Ragnor pareceu muito arrependido das escolhas que o tinham levado àquele local, principalmente com a companhia em questão. Mais tarde, se curvou e sibilou, baixo o bastante para que Giuliana não escutasse e de uma forma que lembrou o inimigo simiano de Magnus:

— Esqueceu que sabe fazer *mágica*?

Magnus demorou um instante para lançar um olhar desdenhoso por cima do ombro.

— Não vou enfeitiçar um macaco! Sinceramente, Ragnor. O que pensa de mim?

A vida não podia ser completamente dedicada a orgias e macacos. Magnus precisava financiar as bebidas de alguma forma. Sempre havia uma rede do Submundo a ser encontrada, e ele fez os contatos certos assim que pisou no Peru.

Quando sua especialidade foi necessária, levou Ragnor também. Embarcaram em um navio no porto de Salaverry, ambos em seus melhores trajes. Magnus estava com seu maior chapéu, adornado por uma pena de avestruz.

Edmund García, um dos mercadores mais ricos do Peru, encontrou-os na proa. Era um sujeito de aparência corada, trajando uma casaca cara, calções até os joelhos e peruca. Trazia uma pistola gravada no cinto de couro. Cerrou os olhos para Ragnor.

— É um monstro marinho? — indagou.

— Ele é um feiticeiro muito respeitado — respondeu Magnus. — Aliás, você está obtendo dois feiticeiros pelo preço de um.

García não tinha feito fortuna rejeitando barganhas. Calou-se no mesmo instante em relação ao assunto de monstros marinhos.

— Sejam bem-vindos — disse.

— Não gosto de barcos — observou Ragnor, olhando em volta. — Tenho enjoos terríveis.

A piada de ficar verde de enjoo era fácil demais. Magnus não ia se rebaixar ao fazê-la.

— Poderia explicar em que compreende este trabalho? — perguntou. — A carta que recebi mencionava que você precisava de um de meus talentos

específicos, mas devo confessar que tenho tantos que não sei qual é o necessário. Estão todos ao seu dispor, é claro.

— Vocês são estranhos em nossa terra — disse Edmund. — Então talvez não saibam que o atual estado de prosperidade no Peru se deve à nossa principal exportação: guano.

— O que ele está dizendo? — perguntou Ragnor.

— Nada que você gostaria de saber, até o momento — respondeu Magnus. O barco balançou embaixo deles com as ondas. — Perdão. Estava falando sobre fezes de morcegos.

— Sim — disse García. — Por muito tempo, os mercadores europeus foram os que lucraram com este comércio. Agora foram aprovadas leis para garantir que os mercadores peruanos tenham vantagens nessas negociações, e os europeus serão obrigados a nos tornar parceiros em seus negócios ou se retirar do negócio. Uma das minhas embarcações, contendo grande quantidade de guano, será uma das primeiras enviadas, agora que as leis foram aprovadas. Temo que tentem algo contra o navio.

— Acha que piratas querem roubar suas fezes de morcegos? — perguntou Magnus.

— O que está havendo? — resmungou Ragnor.

— Você não quer saber. Confie em mim. — Magnus olhou para García. — Por mais variados que sejam meus talentos, não acredito que incluam a guarda de, hã, guano.

Ele tinha dúvidas quanto à carga do navio, mas sabia algumas coisas sobre europeus aparecendo e se apoderando de tudo o que consideravam possuir: terras e vidas, produtos agrícolas e pessoas.

Além disso, nunca tinha vivido uma aventura em alto-mar.

— Estamos preparados para pagar muito bem — ofereceu García, mencionando uma quantia.

— Ah. Bem, neste caso, considere-nos contratados — disse Magnus, e deu a notícia a Ragnor.

— Ainda não estou certo quanto a isso — disse Ragnor. — Nem mesmo sei onde arrumou esse chapéu.

Magnus ajeitou-o para que parecesse ainda mais chique.

— Só uma coisinha que comprei. Pareceu adequado à ocasião.

— Mais ninguém está usando nada remotamente parecido.

Magnus olhou em volta para todos aqueles marinheiros ignorantes em moda.

— Lamento por eles, é claro, mas não vejo por que essa observação deveria alterar meu atual curso de ação, tão elegante.

Ele olhou da proa para o mar. A água estava particularmente verde-clara, com o mesmo tom turquesa e esmeralda de uma turmalina verde. Havia duas

embarcações visíveis no horizonte: o navio que iriam encontrar e um segundo, que Magnus desconfiava seriamente se tratar de um navio pirata com intenções de atacar o primeiro.

Magnus estalou os dedos, e o navio em que se encontravam avançou rumo ao horizonte em um único movimento.

— Magnus, não enfeitice o navio para que acelere — pediu Ragnor. — Magnus, por que está acelerando?

O feiticeiro estalou os dedos outra vez, e faíscas azuis brincaram pelas laterais gastas e lascadas da embarcação.

— Vejo piratas assustadores ao longe. Prepare-se para a batalha, meu amigo verde.

Ragnor sentia-se enjoado e insatisfeito em relação a tudo, mas eles estavam muito mais velozes do que os outros dois navios, portanto, Magnus estava feliz.

— Não estamos caçando piratas. Ninguém é pirata! Estamos protegendo uma carga, só isso. Aliás, o que tem nessa carga? — perguntou Ragnor.

— Você prefere não saber, doce ervilhinha — garantiu Magnus.

— Por favor, pare de me chamar assim.

— Jamais — jurou Magnus ao mesmo tempo que fazia um gesto rápido e cômico, seus anéis refletindo o sol e pintando o ar com minúsculas pinceladas cintilantes.

O navio que Magnus insistia em chamar de pirata se inclinou visivelmente para o lado. Era possível que ele tivesse exagerado um pouco.

García pareceu muito impressionado por Magnus conseguir desarmar navios mesmo de longe, mas queria se certificar de que a carga estava segura, por isso, posicionaram a embarcação ao lado do navio maior — o navio pirata já estava muito, muito atrás.

Magnus estava perfeitamente satisfeito com o estado das coisas. E, visto que estavam caçando piratas e vivendo aventuras no mar, havia algo que ele sempre quisera tentar.

— Faça o mesmo — insistiu com Ragnor. — Vai ser incrível. Você vai ver.

Então alcançou uma corda e se balançou com força sobre trechos de um azul brilhante e uma parte do convés reluzente.

Em seguida se soltou, caindo diretamente no porão do navio.

Ragnor o acompanhou alguns instantes depois.

— Tape o nariz — aconselhou Magnus. — Não respire. Obviamente alguém esteve verificando a carga e deixou o porão aberto, então caímos bem aqui.

— E agora, graças a você, aqui estamos, encrencados.

— Quem dera — respondeu Magnus.

Houve uma breve pausa durante a qual avaliaram o verdadeiro horror da situação. Magnus, pessoalmente, estava com horror até os cotovelos. E, o que era pior, tinha perdido o chapéu estiloso. Simplesmente tentava não pensar na

substância na qual se encontravam afundados. Se pensasse com afinco em algo que não o excremento de pequenos mamíferos alados, poderia imaginar que estava preso em outra coisa. Qualquer coisa.

— Magnus — disse Ragnor. — Vejo que esta carga que estamos protegendo é uma substância muito desagradável, mas você poderia me informar exatamente do que se *trata*?

Percebendo que segredos e farsas seriam esforços inúteis, Magnus contou a ele.

— Detesto aventuras no Peru — falou Ragnor afinal, com voz abafada. — Quero ir para casa.

Magnus não teve culpa do subsequente ataque de feitiçaria ter conseguido afundar o navio cheio de guano, mas foi responsabilizado assim mesmo. E o pior, não recebeu o pagamento.

No entanto, a destruição injustificada de propriedade peruana não foi a razão pela qual ele foi banido do Peru.

1885

Na visita seguinte ao Peru, Magnus foi fazer um trabalho com os amigos Catarina Loss e Ragnor Fell. Isso provou que Catarina tinha, além de poderes mágicos, poderes sobrenaturais de persuasão, pois Ragnor havia jurado que jamais voltaria a pôr os pés naquele país, muito menos em companhia de Magnus. Mas os dois haviam se aventurado pela Inglaterra nos anos 1870 e Ragnor se tornara mais disposto em relação ao outro feiticeiro. Mesmo assim, durante todo o tempo em que caminharam pelo vale do rio Lurín com a cliente, Ragnor lançara olhares suspeitos a Magnus.

— Este constante ar de mau agouro que você cultiva quando está comigo magoa e não tem justificativa — disse Magnus a Ragnor.

— Passei anos ventilando minhas roupas para me livrar do cheiro! Anos! — respondeu Ragnor.

— Bem, deveria ter jogado fora e comprado novas, mais perfumadas e elegantes — disse Magnus. — Enfim, isso foi há décadas. O que fiz com você recentemente?

— Não briguem na frente da cliente, rapazes — implorou Catarina com a voz dócil —, ou baterei suas cabeças uma na outra com tanta força que seus crânios vão rachar como ovos.

— Eu falo inglês, sabem — disse Nayaraq, a cliente que estava pagando muito bem.

O grupo inteiro se sentiu envergonhado. Chegaram a Pachacamac em silêncio. Então contemplaram as paredes de cascalhos empilhados, que pareciam uma escultura de areia gigante feita por uma criança talentosa.

Havia pirâmides ali, mas a maior parte era composta apenas de ruínas. Porém, o que restara tinha milhares de anos, e Magnus podia sentir a magia pulsando pelos fragmentos cor de areia.

— Conheci o oráculo que viveu aqui há setecentos anos — anunciou Magnus grandiosamente. Nayaraq pareceu impressionada.

Catarina, que sabia muito bem qual era a verdadeira idade de Magnus, não.

Com menos de 20 anos, Magnus já tinha começado a colocar um preço em sua mágica. Naquela época ainda estava crescendo, não tinha se fixado no tempo como uma libélula presa em âmbar, furta-cor e eterna, mas congelada para sempre no cárcere de um instante dourado. Quando crescia em altura, e seu corpo e rosto mudavam minimamente a cada dia, quando era mais próximo de ser humano do que agora.

Não se podia revelar a um cliente em potencial, que esperava um mago experiente e ancião, que você nem mesmo tinha acabado de crescer. Magnus começou a mentir sobre a idade desde cedo e nunca abandonou o hábito.

Às vezes passava por alguns constrangimentos, quando se esquecia de qual mentira tinha contado a quem. Certa vez, alguém perguntou como era Júlio César, e Magnus encarou a pessoa por um bom tempo, antes de responder:

— Não muito alto?

Ele olhou em volta para a areia próxima às paredes e suas beiradas rachadas, que esfarelavam como se a pedra fosse um pedaço de pão que uma mão descuidada tivesse arrancado um pedaço. Manteve cuidadosamente o ar blasé de quem já tinha estado ali antes, e muito bem-vestido para a ocasião.

"Pachacamac" significava "Senhor dos Terremotos". Felizmente, Nayaraq não queria que provocassem um. Magnus jamais havia provocado um terremoto de propósito e preferia não pensar nos acidentes infelizes da juventude.

O que Nayaraq queria era o tesouro que a mãe da mãe da mãe de sua mãe, uma bela nobre que vivia em Acllahausi — a casa das mulheres escolhidas pelo sol —, tinha escondido quando os conquistadores vieram.

Magnus não sabia ao certo por que a mulher o queria, considerando que aparentava ter dinheiro suficiente, mas ele não estava sendo pago para questioná-la. Caminharam durante horas sob sol e sombra, perto de ruínas que exibiam marcas do tempo e sutis impressões de afrescos, até encontrarem o que estava procurando.

Quando as pedras foram removidas e o tesouro, escavado, o sol atingiu o ouro e o rosto de Nayaraq ao mesmo tempo. Foi então que Magnus entendeu que ela não estava procurando ouro, mas sim a verdade, algo real em seu passado.

Ela sabia sobre os integrantes do Submundo, pois tinha sido levada por fadas, há muito tempo. Mas isto não era ilusão, nem feitiço. Este ouro brilhava em suas mãos, como outrora o fez nas mãos de sua ancestral.

— Muito obrigada — disse, e Magnus entendeu, quase a invejando por um

instante.

Quando ela se foi, Catarina desfez o próprio feitiço de disfarce e revelou a pele azulada e o cabelo branco que brilhavam ao sol poente.

— Agora que isso foi resolvido, tenho uma proposta. Há anos tenho ciúme das aventuras que vocês dois viveram no Peru. O que dizem sobre continuarmos mais um tempo aqui?

— Certamente! — respondeu Magnus.

Catarina bateu palmas.

Ragnor fez uma careta.

— Certamente não.

— Não se preocupe, Ragnor — disse Magnus, despreocupado. — Tenho quase certeza de que ninguém que se lembra da história dos piratas está vivo. E os macacos decerto não estão mais atrás de mim. Além disso, você sabe o que isso significa.

— Não quero fazer isso e não vou gostar — alertou Ragnor. — Eu iria embora agora mesmo, mas seria cruel abandonar uma dama em terra estrangeira com um maníaco.

— Fico muito contente que estejamos de acordo — disse Catarina.

— Seremos um triunvirato temido — falou Magnus, com animação. — Isso significa o triplo de aventuras.

Mais tarde, souberam que eram criminosos procurados por profanarem um templo, mas, mesmo assim, esta não foi a razão nem a época em que Magnus foi banido do Peru.

1890

Fazia um dia lindo em Puno; o lago que se via pela janela era de um azul profundo, e o sol brilhava com tanta força que parecia ter queimado toda a cor e as nuvens do céu, transformando tudo em um fulgor branco. Pairando no ar límpido da montanha, acima da água do lago e pela casa, soava a melodia de Magnus.

O feiticeiro girava em um círculo sob o parapeito quando as cortinas do quarto de Ragnor se abriram rispidamente.

— O que... o que... o que está fazendo? — perguntou.

— Tenho quase 600 anos — disse Magnus, e Ragnor riu, considerando que Magnus mudava a idade semanalmente de acordo com o que lhe era conveniente. — Parece hora de aprender a tocar um instrumento musical. — E apresentou a nova prenda com um floreio. Era um pequeno instrumento de cordas que parecia um primo do alaúde, do qual o alaúde tinha vergonha de ser parente. — Chama-se *charango*. Pretendo me tornar um *charanguista*!

— Eu não chamaria isso de instrumento musical — comentou Ragnor,

amargamente. — Instrumento de tortura, talvez.

Magnus segurou o *charango* nos braços como se fosse um bebê que se ofendia facilmente.

— É um instrumento lindo e único! A caixa de som é feita de tatu. Bem, de uma casca seca de tatu.

— Isso explica o som que está emitindo — falou Ragnor. — Parece um tatu perdido e faminto.

— Você só está com inveja — observou Magnus, calmamente. — Por não ter a alma de um verdadeiro artista, tal como a minha.

— Ah, estou verde de inveja — emendou Ragnor.

— Vamos lá, Ragnor. Isso não é justo — respondeu Magnus. — Sabe que adoro quando faz piadas sobre seu tom de pele.

Magnus se recusou a se abalar com o juízo cruel de Ragnor. Olhou para o companheiro com extrema indiferença, ergueu o *charango* e começou a tocar novamente a música linda e desafiadora.

Ambos escutaram as batidas frenéticas de passos pela casa e o movimento de saias, então Catarina surgiu correndo no pátio com os cabelos brancos caindo sobre os ombros e o rosto transparecendo alarme.

— Magnus, Ragnor, ouvi um gato fazendo um ruído apavorante — exclamou. — Pelo barulho, a pobre criatura deve estar muito ferida. Precisam me ajudar a encontrá-la!

Ragnor imediatamente inclinou-se sobre o parapeito de tanto gargalhar. Magnus fitou Catarina por um tempo, até que viu seus lábios tremerem.

— Estão conspirando contra a minha arte — declarou. — Vocês são um bando de conspiradores.

E começou a tocar outra vez. Catarina colocou a mão em seu braço para o fazer parar.

— Não, sério, Magnus — falou. — Este barulho é terrível.

Magnus suspirou.

— Todo feiticeiro é um crítico.

— Por que está fazendo isso?

— Já expliquei para Ragnor. Quero aprender a tocar um instrumento musical. Decidi me dedicar à arte do *charanguista* e não quero mais ouvir protestos mesquinhos.

— Se estamos citando coisas que não queremos mais ouvir... — murmurou Ragnor.

Catarina, no entanto, sorria.

— Entendo — falou.

— Madame, você não entende.

— Entendo. Com clareza — garantiu Catarina. — Como ela se chama?

— Não gostei da sua insinuação — respondeu Magnus. — Não há mulher

nesse caso. Sou casado com a minha música!

— Ah, certo — respondeu Catarina. — Então, como ele se chama?

O nome era Imasu Morales, e ele era lindo.

Os três feiticeiros estavam perto do porto, próximos à margem do lago Titicaca, mas Magnus gostava de ver e participar da vida de uma forma que Ragnor e Catarina, acostumados à quietude e solidão da infância em função de suas peles incomuns, não entendiam. Então foi caminhar pela cidade e subir as montanhas, vivendo pequenas aventuras. Em algumas ocasiões, que Ragnor e Catarina faziam questão de lembrar dolorosa e desnecessariamente, ele foi levado para casa pela polícia, apesar de aquele incidente com os contrabandistas bolivianos ter sido apenas um mal-entendido.

Mas, naquela noite, Magnus não se envolveu em qualquer assunto com contrabandistas. Estava apenas caminhando pela Plaza Republicana, passando por arbustos e esculturas artisticamente esculturados. A cidade abaixo brilhava igual a estrelas dispostas em fileiras, como se alguém estivesse cultivando uma plantação de luzes. Uma bela noite para conhecer um belo rapaz.

A música foi o que atraiu a atenção de Magnus, e, depois, o riso. Magnus virou-se, vendo olhos brilhantes e escuros, cabelos despenteados, e os dedos do músico em ação. Magnus tinha uma lista de atributos desejados em um parceiro — cabelos pretos e olhos azuis, na verdade —, mas, neste caso, o que o atraiu foi uma resposta individual à vida. Algo que não tinha visto antes, e que o fez querer ver mais.

Ele se aproximou, conseguindo atrair a atenção de Imasu. Uma vez que os olhares se cruzaram, a brincadeira podia começar, e Magnus começou perguntando se Imasu dava aula de música. Queria passar mais tempo com o rapaz, mas também queria aprender — para ver se podia ser absorvido da mesma forma e criar os mesmos sons.

Mesmo após algumas aulas, Magnus percebeu que os sons que ele produzia com o *charango* eram sutilmente diferentes dos de Imasu. Possivelmente um pouco mais do que "sutilmente". Tanto Ragnor quanto Catarina imploraram para que desistisse do instrumento. Estranhos nas ruas imploraram para que desistisse. Até os gatos fugiam dele.

Mas...

— Você tem muito potencial para música — disse Imasu, com voz séria e olhos sorridentes.

Magnus tinha como política ouvir as pessoas gentis, incentivadoras e lindas.

Então insistiu com o *charango*, apesar de ter sido proibido de tocar dentro de casa. Também foi desencorajado a tocar em espaços públicos por uma criança aos prantos, um homem com papéis, que falava sobre ordem na cidade e um pequeno motim.

Como último recurso, Magnus subiu as montanhas e tocou por lá. Tinha certeza de que a debandada de lhamas que testemunhou não passou de uma coincidência. As lhamas não podiam julgá-lo.

Além disso, o *charango* definitivamente estava começando a soar melhor. Ou estava pegando o jeito ou estava sucumbindo a alucinações auditivas. Magnus optou pela primeira hipótese.

— Acho que realmente venci uma barreira — disse ele a Imasu, com voz séria, certo dia. — Nas montanhas. Uma barreira metafórica e musical, quero dizer. E bem que podia haver outras por ali.

— Que maravilha — respondeu Imasu, com os olhos brilhando. — Mal posso esperar para ouvir.

Estavam na casa de Imasu, pois Magnus não podia tocar em nenhum outro lugar de Puno. A mãe e a irmã de Imasu tinham tendência a enxaquecas, infelizmente, então muitas das aulas de Magnus eram sobre teoria musical; hoje, porém, os dois estavam sozinhos em casa.

— Quando sua mãe e sua irmã voltam? — perguntou Magnus, sem rodeios.

— Daqui a algumas semanas — respondeu Imasu. — Foram visitar minha tia. Hã. Não fugiram, digo, não deixaram a casa por nenhuma razão em particular.

— Damas adoráveis — observou Magnus. — Pena que são tão frágeis.

Imasu piscou.

— As dores de cabeça? — lembrou Magnus.

— Ah — disse o músico. — Ah, certo. — Fez-se uma pausa, então Imasu bateu palmas. — Você estava prestes a tocar alguma coisa para mim!

Magnus sorriu para ele.

— Prepare-se — entoou —, para ficar estarrecido.

Posicionou o instrumento. Tinham aprendido a se entender, sentia, ele e o *charango*. Conseguia fazer música fluir do ar, do rio ou das cortinas, se assim o desejasse, mas isso era diferente, era humano e estranhamente tocante. Os tropeços e arranhões das cordas estavam se alinhando, pensou Magnus, e formavam uma melodia. A música estava quase ali, em suas mãos.

Quando o feiticeiro olhou para Imasu, viu que o rapaz tinha abaixado a cabeça nas mãos.

— Hum — disse Magnus. — Tudo bem?

— Fiquei simplesmente dominado — disse Imasu, com a voz fraca.

Magnus empertigou-se discretamente.

— Ah. Bem.

— Pelo horror que foi — concluiu Imasu.

Magnus piscou.

— Como?

— Não posso mais viver uma mentira! — desabafou o músico. — Tentei

incentivar. Dignitários da cidade foram enviados a mim, pedindo que eu solicitasse que você parasse. Minha santa mãe me implorou, com lágrimas nos olhos...

— Não é tão ruim assim...

— É, é sim! — Foi como se uma represa de crítica musical houvesse se rompido. Imasu virou-se para ele com olhos que flamejavam, em vez de brilhar. — É pior do que pode imaginar! Quando você toca, as flores da minha mãe perdem a vontade de viver e secam instantaneamente. A quinoa perde o sabor. Lhamas têm migrado por causa da sua música, e elas não são animais migratórios. As crianças agora acreditam na existência de um monstro horroroso, metade cavalo e metade imensa galinha melancólica, que habita o lago e canta para que o mundo lhe conceda o doce alívio da morte. Os moradores da cidade acreditam que nós estejamos realizando rituais arcaicos de magia...

— Bem, esse foi um bom palpite — observou Magnus.

— ...utilizando o crânio de um elefante, um cogumelo absurdamente grande e um de seus chapéus peculiares!

— Ou não — disse Magnus. — Além do mais, meus chapéus são extraordinários.

— Não vou discutir sobre isso. — Imasu passou a mão pelos cabelos, que ondulavam e se prendiam aos seus dedos como vinhas escuras. — Olha, sei que errei. Vi um homem bonito e achei que não faria mal algum em conversar um pouco sobre música e incentivar um interesse em comum, mas não mereço isso. Você vai ser apedrejado em praça pública, e, se eu tiver que ouvi-lo tocar mais uma vez, vou me afogar no lago.

— Ah — disse Magnus, e começou a sorrir. — Eu não faria isso. Ouvi dizer que tem um monstro horrível habitando aquelas águas.

Imasu parecia continuar falando sobre as habilidades musicais de Magnus, um assunto no qual o próprio feiticeiro já tinha perdido todo o interesse.

— Acredito que o mundo vá acabar com um barulho como o que você produz!

— Interessante — disse Magnus, e jogou o *charango* pela janela.

— Magnus!

— Acho que eu e a música fomos até onde podíamos — disse Magnus. — Um verdadeiro artista sabe reconhecer o momento de se render.

— Não acredito que fez isso!

Magnus fez um gesto de indiferença.

— Eu sei, é uma tristeza, mas às vezes é preciso fechar os ouvidos para as súplicas da musa.

— Só quis dizer que o instrumento é caro e que ouvi um som de algo rachando.

Imasu pareceu verdadeiramente incomodado, mas estava sorrindo. Seu rosto era como um livro de cores vivas aberto, tão fascinante quanto simples de ser lido. Magnus se afastou da janela e foi até onde estava Imasu, permitindo que uma de suas mãos se fechasse em torno dos dedos calejados do rapaz, e a outra, sobre seu pulso. Viu o tremor que percorreu todo o corpo do músico, como se ele fosse um instrumento do qual Magnus pudesse extrair o som que quisesse.

— Fico arrasado por desistir da música — murmurou Magnus. — Mas acredito que você vai descobrir que tenho muitos talentos.

Naquela noite, quando voltou para casa e revelou a Ragnor e Catarina que tinha desistido da música, Ragnor afirmou:

— Em quinhentos anos, nunca desejei o toque de outro homem, mas me sinto subitamente dominado pela vontade de beijar a boca daquele rapaz.

— Nem pense nisso — respondeu Magnus, com um tom de posse tranquilo e satisfeito.

No dia seguinte, toda a cidade de Puno se reuniu em um festival. Imasu garantiu a Magnus que aquela data não tinha qualquer relação com o que ocorrera. Magnus riu. O sol batia inclinado sobre os olhos de Imasu e em faixas luminosas sobre a pele morena, e a boca do rapaz se curvou sob a de Magnus. Não chegaram a sair de casa para ver o desfile.

Magnus perguntou aos amigos se poderiam passar mais tempo em Puno e não se surpreendeu quando concordaram. Catarina e Ragnor eram feiticeiros. Para eles, assim como para Magnus, o tempo era como a chuva, brilhava enquanto caía, mudava o mundo, mas também podia ser ignorado.

Até que você amasse um mortal. Então o tempo se tornava ouro nas mãos de um avarento, e cada ano passava a importar, infinitamente precioso, escorrendo pelos dedos.

Imasu contou-lhe sobre a morte do pai, sobre o amor da irmã pela dança, que o inspirara a tocar para ela, e sobre esta ser a segunda vez em que se apaixonava. Ele era indígena e espanhol, mais misturado do que a maioria dos mestiços, espanhol demais para alguns e de menos para outros. Magnus conversou um pouco sobre isso com Imasu, sobre o sangue holandês e batavo que corria por suas veias. Não falou nada sobre o sangue demoníaco, sobre o pai, nem sobre magia; não ainda.

Magnus tinha aprendido a ser cuidadoso em relação a entregar sua história com seu coração. Quando as pessoas morriam, parecia que todos os pedaços que você entregou para ela iam junto. Demorava muito para se reconstruir e ser novamente inteiro, e jamais conseguia voltar a ser o mesmo.

Foi uma lição longa e dolorosa.

Magnus ainda não tinha aprendido muito bem, pensou, pois se flagrou querendo contar várias coisas a Imasu. Não desejava apenas falar sobre sua

linhagem, mas sobre o passado, sobre as pessoas que amou — Camille, Edmund Herondale e o filho, Will; até mesmo sobre Tessa e Catarina, e como se conheceram na Espanha. No fim das contas, não aguentou e contou a última parte, apesar de ter excluído detalhes como os Irmãos do Silêncio e o fato de Catarina quase ter sido queimada como bruxa. Mas conforme as estações mudavam, Magnus começou a achar que deveria, ao menos, revelar a magia para Imasu antes de sugerir que deixasse de morar com Catarina e Ragnor, que o músico saísse da casa da mãe e da irmã, e que os dois encontrassem um lugar que Imasu pudesse encher de música, e ele, de mágica. Era hora de juntar os trapos, Magnus pensou, pelo menos por um curto período.

Por isso, foi impressionante quando Imasu sugeriu, baixinho:

— Talvez seja hora de você e seus amigos começarem a pensar em sair de Puno.

— Como, sem você? — perguntou Magnus. Estava deitado ao sol do lado de fora da casa do músico, contente e fazendo planos para o futuro próximo. Foi pego de surpresa o bastante para bancar o tolo.

— Sim — respondeu Imasu, parecendo lamentar a perspectiva de precisar ser mais claro. — Sem mim. Não que eu não tenha tido ótimos momentos com você. Nós nos divertimos muito, não? — acrescentou, suplicante.

Magnus assentiu, com o ar mais indiferente que conseguiu; em seguida, estragou tudo falando:

— Achava que sim. Então, por que terminar?

Talvez fosse a mãe, a irmã ou algum parente de Imasu protestando contra o fato de ambos serem homens. Não seria a primeira nem a última vez que isso aconteceria com Magnus, apesar de a mãe de Imasu sempre ter passado a impressão de que ele poderia fazer o que quisesse com o filho dela, desde que nunca mais tocasse um instrumento musical em sua presença.

— É você — disparou Imasu. — O seu jeito. Não posso mais ficar com você porque não quero.

— Por favor — disse Magnus após uma pausa. — Continue me enchendo de elogios. Está sendo uma experiência extremamente agradável para mim. Aliás, foi exatamente como planejei passar o dia.

— Você é... — Imasu respirou fundo, frustrado. — Parece sempre... efêmero, como um riacho brilhante e raso que percorre o mundo todo. Não é algo que vá permanecer, que vá durar. — Ele fez um gesto rápido e desamparado, como se estivesse soltando alguma coisa. Como se Magnus quisesse ser solto. — Não é uma pessoa permanente.

Isso fez Magnus rir súbita e incontrolavelmente, jogando a cabeça para trás. Já tinha aprendido a lição fazia tempo: mesmo com o coração partido, ainda era possível rir.

Magnus ria com facilidade, e isso ajudava, embora não o bastante.

— Magnus — disse Imasu, parecendo verdadeiramente irritado. O feiticeiro ficou imaginando quantas vezes, em momentos que achou que estavam apenas discutindo, Imasu esteve caminhando para este momento. — É exatamente disso que estou falando!

— Você está muito enganado, sabia? Sou a pessoa mais permanente que jamais conhecerá — disse Magnus, com a voz falha de tanto rir e os olhos ardendo um pouco por causa das lágrimas. — A questão é que nunca faz diferença.

Foi a maior verdade que já disse a Imasu, e nunca revelou outras verdades além daquela.

Feiticeiros viviam eternamente, o que significava que testemunhavam um terrível e infinito ciclo do nascimento, da vida e da morte. Isso também os tornava testemunhas de, literalmente, milhões de relacionamentos fracassados.

— Melhor assim — informou um solene Magnus a Ragnor e Catarina, elevando a voz para que fosse ouvida acima do barulho de mais um festival.

— Claro — murmurou Catarina, que sempre foi uma amiga boa e leal.

— Fiquei surpreso por ter durado tanto; ele era muito mais bonito que você — resmungou Ragnor, que merecia um destino terrível e cruel.

— Só tenho 200 anos — disse Magnus, ignorando a risada mútua dos amigos ao ouvirem a mentira. — Não posso me prender a ninguém. Preciso de mais tempo para farras. E acho... — Ele terminou o drinque e olhou em volta, como se procurasse alguma coisa. — Acho que vou chamar aquela jovem encantadora para dançar.

Magnus notou que a garota para quem estava olhando retribuía seus olhares. Tinha cílios tão longos que quase tocavam seus ombros.

Talvez Magnus estivesse um pouco bêbado. *Chicha de molle* era uma bebida famosa não só pelo rápido efeito, mas pela ressaca horrorosa.

Ragnor estremeceu violentamente e emitiu um som como de um gato cujo rabo foi pisado.

— Magnus, por favor, não. A música foi ruim o suficiente!

— Magnus não é tão ruim de dança quanto de *charango* — observou Catarina, ponderadamente. — Na verdade, é um bom dançarino. Apesar de ter uma característica, hã, exótica e ímpar.

— Não me senti nem um pouco aliviado — disse Ragnor. — Nenhum de vocês sabe aliviar nada.

Após um breve interlúdio caloroso, Magnus voltou à mesa, um pouco ofegante. Viu que Ragnor tinha decidido se divertir batendo com a cabeça no tampo.

— O que achou que estava fazendo? — perguntou Ragnor entre batidas sorumbáticas.

Catarina contribuiu:

— A dança é linda e tradicional, chama-se *El Alcatraz* e achei que Magnus teve um desempenho...

— Brilhante? — sugeriu Magnus. — Incrível? Absurdamente atraente? Ágil?

Catarina contraiu os lábios em sinal de reflexão antes de selecionar o adjetivo mais adequado.

— Espetacular.

Magnus apontou para ela.

— Por isso, você é minha preferida.

— E tradicionalmente o homem gira...

— Você girou de modo espetacular — observou Ragnor, com voz amarga.

Magnus fez uma pequena reverência.

— Nossa, obrigado.

— ... e tenta atear fogo na saia da parceira com uma vela — prosseguiu Catarina. — É uma dança maravilhosa, vibrante e muito bonita.

— Ah, "tenta", não é? — perguntou Ragnor. — Então não é tradição tentar usar mágica, colocar fogo de fato na saia da moça e no próprio casaco e continuar dançando mesmo que os dois parceiros tenham se transformado em torres giratórias de fogo?

Catarina tossiu.

— Não é estritamente tradicional, não.

— Estava tudo sob controle — declarou Magnus, calmamente. — Tenha um pouco de confiança nos meus dedos mágicos.

Até a parceira de dança achara um truque maravilhoso. Fora cercada por fogo verdadeiro e brilhante, inclinara a cabeça para trás e rira, seus cabelos se transformando em uma cachoeira crepitante de luz, os saltos dos sapatos provocando faíscas como poeira esvoaçante pelo chão, a saia deixando um rastro de fogo como se estivesse seguindo a cauda de uma fênix. Magnus havia girado e dançado com ela, e ela o achara maravilhoso por um único instante de ilusionismo.

Mas, a exemplo do amor, o fogo não durava.

— Vocês acham que nossa espécie um dia se tornará tão distante da humanidade a ponto de nos tornarmos criaturas intocáveis, que não podem ser amadas pelos mortais? — perguntou Magnus.

Ragnor e Catarina o encararam.

— Não respondam — pediu Magnus. — Esta pareceu a pergunta de um homem que não precisa de respostas. Soou como a pergunta de um homem que precisa de mais um drinque. Lá vamos nós!

Ergueu o copo. Ragnor e Catarina não se juntaram a ele, mas Magnus se satisfez em brindar sozinho.

— Às aventuras — disse, e bebeu.

Magnus abriu os olhos, viu uma luz forte e sentiu um ar quente sobre a pele como uma faca raspando pão queimado. Seu cérebro latejava, e imediatamente foi tomado por um terrível enjoo.

Catarina ofereceu-lhe uma vasilha. Ela era uma mistura de azul e branco aos seus olhos turvos.

— Onde estou? — resmungou Magnus.

— Nazca.

Então continuava no Peru. Isso mostrava que tinha sido um homem mais sensato do que temia.

— Ah, fizemos uma pequena viagem.

— Você invadiu a casa de um homem — anunciou Catarina. — Roubou um tapete e fez um encanto para torná-lo voador. Depois, partiu pela noite. Tivemos que persegui-lo a pé.

— Ah — disse Magnus.

— Você gritava coisas.

— Que coisas?

— Prefiro não repetir — disse ela. Estava com um tom muito desbotado de azul. — Também prefiro não me lembrar do tempo que passamos no deserto. É um deserto gigantesco, Magnus. Desertos já costumam ser grandes. Desertos gigantescos são chamados assim por serem maiores do que os normais.

— Obrigado por esta informação interessante e esclarecedora — falou Magnus, e tentou enterrar a cabeça no travesseiro, como um avestruz tentando enterrar a cabeça na areia de um deserto gigantesco. — Foram muito gentis em me seguir. Tenho certeza de que fiquei feliz em vê-los — sugeriu com voz débil, torcendo para que isso fizesse Catarina lhe trazer mais líquidos e talvez um martelo com o qual pudesse destruir o próprio crânio.

Magnus estava fraco demais para sair em busca de uma bebida. Magia de cura nunca fora sua especialidade, mas tinha quase certeza de que se fizesse algum movimento, a cabeça cairia dos ombros. Não podia permitir uma coisa dessas. Já tinha recebido confirmações de terceiros de que sua cabeça ficava ótima onde estava.

— Você disse para o deixarmos no deserto, porque pretendia começar uma nova vida como cacto — revelou Catarina, com voz seca. — Depois, conjurou pequenas agulhas e jogou contra nós. Com grande precisão.

Magnus arriscou mais uma olhada nela. Continuava muito borrada. Ele achou aquilo grosseiro. Pensava que fossem amigos.

— Bem — falou com dignidade. — Considerando meu estado etílico, você deve ter ficado impressionada com a minha mira.

— “Impressionada” não é bem a palavra que eu usaria para descrever como me senti ontem à noite, Magnus.

— Agradeço por ter me controlado — falou Magnus. — Foi melhor assim.

Você é uma verdadeira amiga. Não houve prejuízo. Não falemos mais nesse assunto. Será que poderia me trazer...

— Ah, não conseguimos controlá-lo — interrompeu Catarina. — Tentamos, mas você riu, pulou no tapete e voou para longe outra vez. Ficou dizendo que queria ir para Moquegua.

Magnus não estava se sentindo nada bem. Seu estômago dava um nó e a cabeça girava.

— O que foi que fiz em Moquegua?

— Não chegou lá — respondeu Catarina. — Mas ficou voando, gritando e tentando escrever mensagens no céu com o tapete.

De repente, Magnus teve uma lembrança viva das coisas que tentou escrever, do vento e das estrelas nos cabelos. Felizmente, achava que Ragnor e Catarina não entendiam aquela língua.

— Quando paramos para comer — disse Catarina —, você insistiu para que provássemos uma especialidade local, que chamou de *cuy*. Na verdade, tivemos uma refeição muito agradável, apesar de você ainda estar muito embriagado.

— Tenho certeza de que já devia estar recobrando a sobriedade a este ponto — argumentou Magnus.

— Magnus, você tentou flertar com o próprio prato.

— Tenho a mente muito aberta!

— Ragnor não tem — disse ela. — Quando descobriu que estava nos alimentando com porquinhos-da-índia, ele bateu com o prato na sua cabeça. E quebrou.

— Assim como o nosso amor — disse Magnus. — Ah, bem. Nunca teria dado certo entre mim e o prato mesmo. Tenho certeza de que a comida me fez bem, Catarina, e você foi muito gentil em me alimentar e me colocar para dormir...

Catarina balançou a cabeça. Parecia estar gostando disso, como uma enfermeira contando a uma criança uma história particularmente assustadora antes de dormir.

— Você caiu no chão. Sinceramente, achamos que seria melhor deixá-lo dormindo lá. Achamos que ficaria um tempo deitado, mas bastou desviarmos o olhar durante um minuto, e você sumiu. Ragnor diz que o viu indo atrás do tapete, engatinhando como um imenso caranguejo demente.

Magnus se recusou a acreditar que tivesse feito isso. Ragnor não era uma fonte confiável.

— Eu acredito nele — disse Catarina, maliciosamente. — Você estava com muita dificuldade de andar ereto mesmo antes de ser atingido pelo prato. Além disso, acho que a comida não lhe fez bem, pois você saiu voando e dizendo que estava vendo macacos enormes, pássaros, lhamas e gatos desenhados no chão.

— Céus — disse Magnus. — Tive alucinações? É oficial. Isso parece... quase como a vez em que mais fiquei bêbado na vida. Por favor, não me pergunte

sobre essa ocasião. É uma história muito triste, que envolve uma gaiola.

— Na verdade, não sofreu alucinações — declarou Catarina. — Depois que subimos as colinas gritando “desça, seu idiota”, também vimos desenhos enormes no chão. São grandes e lindos. Acho que fazem parte de um antigo ritual para invocar água da terra. Ver aquilo fez valer a pena vir para esse país.

Magnus ainda estava com a cabeça afundada no travesseiro, mas se gabou um pouco.

— É sempre um prazer enriquecer sua vida, Catarina.

— Não foi grandioso, nem lindo — recordou Catarina —, quando você vomitou sobre aqueles desenhos míticos e imensos, de uma civilização passada. Do alto. Sem parar.

Ele sentiu arrependimento e vergonha. E, em seguida, mais vontade de vomitar.

Mais tarde, quando estivesse um pouco mais sóbrio, Magnus visitaria as Linhas de Nazca e registraria na lembrança os sulcos onde os cascalhos foram retirados para que a terra fosse exposta, e que formavam desenhos específicos: um pássaro com asas abertas voando alto, um macaco com uma cauda cujas curvas pareceram verdadeiramente indecentes aos olhos de Magnus — o que lhe agradou, óbvio — e uma forma que podia ser a de um homem.

Quando os cientistas descobriram e investigaram as Linhas de Nazca nas décadas 1930 e 1940, Magnus ficou um pouco irritado, como se aquelas formas fossem sua propriedade.

Mas, depois, aceitou. Era isso o que os humanos faziam: deixavam recados, entre páginas ou esculpidos em pedra. Como se esticassem a mão através do tempo e acreditassem que havia uma mão fantasma para segurá-la. Humanos não viviam para sempre. Só podiam torcer para que suas criações durassem.

Magnus supôs que pudesse permitir que os humanos transmitissem o recado.

Mas a aceitação veio muito, muito mais tarde. Ele tinha outras coisas a fazer no dia seguinte ao primeiro em que viu as Linhas de Nazca. Tinha que vomitar 37 vezes.

Após a trigésima vez, Catarina ficou preocupada.

— Acho que você pode estar com febre.

— Já expliquei diversas vezes que estou péssimo, sim — falou Magnus, com frieza. — Morrendo, provavelmente; não que vocês, ingratos, se incomodem.

— Não devia ter comido porquinho-da-índia — observou Ragnor, e riu. Parecia guardar mágoa.

— Estou fraco demais para me cuidar sozinho — disse Magnus, voltando-se para a pessoa que gostava dele e não sentia um prazer maldoso com seu sofrimento. Fez o melhor possível para parecer patético e suspeitou que, neste momento, seu melhor fosse excelente. — Catarina, será que...

— Não vou desperdiçar magia e energia que podem salvar vidas para curar os efeitos de uma noite de bebedeira, giros e altitude!

Quando Catarina parecia severa, era o fim. Seria mais fácil se jogar à mercê esverdeada de Ragnor.

Magnus estava prestes a tentar a sorte quando Catarina anunciou caridosamente:

— Acho que seria bom testarmos os remédios mundanos da região.

A medicina nesta parte do Peru, ao que parecia, consistia em esfregar um porquinho-da-índia no corpo do doente.

— Exijo que pare com isso! — protestou Magnus. — Sou um feiticeiro e posso me curar e também posso explodir sua cabeça!

— Ah, não. Está delirante, enlouquecido, não dê ouvidos a ele — disse Ragnor. — Continue aplicando o porquinho-da-índia!

A senhora com os porquinhos-da-índia olhou, impassível, e continuou trabalhando.

— Deite-se, Magnus — ordenou Catarina, que tinha a mente extremamente aberta, sempre se interessava pela exploração de outros campos da medicina e aparentemente se dispunha a oferecer Magnus como um peão em seu jogo médico. — Deixe a mágica do porquinho-da-índia fluir através do seu corpo.

— Sim, isso mesmo — disse Ragnor, que não tinha a mente muito aberta, e riu.

Magnus não achou o processo tão inerentemente hilariante quanto Ragnor. Quando criança, tomou *djamu*, que continha bile de bode (se tivesse sorte, senão, bile de jacaré) várias vezes. E porquinhos-da-índia e *djamu* eram melhores do que a sangria que aplicaram nele uma vez, na Inglaterra.

O negócio é que ele achava os remédios mundanos muito cansativos, e gostaria que esperassem até que estivesse melhor para imporem tais procedimentos a ele.

Magnus tentou escapar diversas vezes, e foi contido à força. Mais tarde, Catarina e Ragnor gostaram de imitar a vez em que ele tentou levar os porquinhos-da-índia também, supostamente gritando “Liberdade!” e “Eu sou seu líder agora!”.

Havia a pequena possibilidade de que Magnus ainda estivesse um pouquinho bêbado.

Ao fim de todo aquele processo horroroso, um dos porquinhos-da-índia teve as tripas arrancadas e examinadas para ver se a cura tinha sido eficaz. Ao ver aquilo, Magnus imediatamente vomitou outra vez.

Alguns dias depois, em Lima, passado o trauma dos porquinhos-da-índia, Catarina e Ragnor confiaram em Magnus o suficiente para permitir que ele tomasse um — só um, e com supervisão ofensivamente rigorosa — drinque.

— O que estava dizendo Naquela Noite... — disse Catarina.

Tanto Catarina quanto Ragnor se referiam ao ocorrido assim, e, em ambos os casos, Magnus podia ouvir as letras maiúsculas na entonação.

— Não precisam se preocupar — falou Magnus, vagamente. — Não quero mais ser um cacto, nem morar no deserto.

Catarina piscou e fez uma careta, e era evidente que estava tendo um flashback.

— Não era disso que eu estava falando, mas é bom saber. Estou falando sobre humanos e amor.

Magnus não queria pensar nos assuntos sobre os quais tagarelou na noite em que lhe partiram o coração. Não havia razão para chafurdar. Ele se recusava a chafurdar. Chafurdar era tarefa para elefantes, pessoas depressivas e elefantes depressivos.

Catarina continuou, apesar da falta de incentivo.

— Nasci desta cor. Não sabia usar feitiço de disfarce quando era pequena. Não havia como ter outra aparência além da que tinha sempre, apesar de ela não ser segura. Minha mãe olhava para mim e sabia o que eu era, mas me escondia do resto do mundo. Fui criada em segredo. Ela fez tudo o que podia para me manter em segurança. Um terrível mal lhe foi feito, e ela retribuiu com amor. Todos os humanos que curo, curo em seu nome. Faço o que faço para honrá-la, e sei que, quando me salvou, ela salvou incontáveis vidas através dos séculos.

Ela voltou um olhar sério e abrangente para Ragnor, que estava sentado à mesa, olhando pouco à vontade para as próprias mãos. Mas respondeu à deixa:

— Meus pais acharam que eu fosse uma criança fada ou coisa do tipo, imagino — disse Ragnor. — Porque eu tinha a cor da primavera, minha mãe dizia — acrescentou, e corou, ficando com um tom esmeralda. — Obviamente acabou sendo um pouco mais complicado que isso, mas depois passaram a gostar de mim. Sempre gostaram de mim, apesar de eu ser uma presença perturbadora e de minha mãe dizer que eu era mal-humorado quando bebê. Superei isso, é claro.

Um silêncio educado se seguiu à declaração.

Uma criança fada seria mais facilmente aceita, pensou Magnus, do que aquela que simbolizava que um demônio enganara ou magoara uma mulher — ou, mais raramente, um homem — e gerara um rebento com uma marca para servir de eterno lembrete de sua dor. Feiticeiros sempre nasciam disso, de dor e demônios.

— É algo para lembrar, se nos sentimos distantes dos humanos — disse Catarina. — Devemos muito ao amor deles. Vivemos eternamente pela graça do amor humano, que embalou crianças estranhas em berços sem se desesperarem nem fugirem. Eu sei de que lado da família herdei minha alma.

Estavam sentados do lado de fora da casa, em um jardim cercado por muros

elevados, mas Catarina era sempre a mais cuidadosa dos três. Olhou em volta no escuro antes de acender a vela sobre a mesa. A luz surgiu do nada entre as mãos em concha e transformou seus cabelos brancos em seda e pérola. Sob a luz súbita, Magnus pôde vê-la sorrir.

— Nossos pais eram demônios — observou Catarina. — Nossas mães, heroínas.

Para eles, essa era a verdade.

A maioria dos feiticeiros nascia com sinais inconfundíveis do que eram, e algumas crianças feiticeiras morriam cedo por serem abandonadas ou assassinadas pelos pais, que as consideravam criaturas esquisitas. Mas algumas eram criadas como Catarina e Ragnor, com um amor que superava o medo.

A marca de feiticeiro de Magnus ficava nos olhos, nas pupilas em fendas, na cor brilhante e no verde-dourado em ângulos errados, mas esses atributos não se desenvolveram imediatamente. Ele não tinha nascido com a pele azulada de Catarina nem com a esverdeada de Ragnor, mas sim como um bebê aparentemente humano, com olhos de uma estranha cor âmbar. A mãe de Magnus demorou um tempo para perceber que seu pai era um demônio, e só o fez no dia em que foi até o berço e viu o filho olhando para ela com olhos de gato.

Soube, então, o que tinha acontecido. Que o que quer que tivesse vindo até ela sob a forma do marido, no meio da noite, não era seu marido. Ao se dar conta disso, perdeu a vontade de viver.

E não viveu.

Magnus não sabia se ela era heroína ou não. Não tinha idade suficiente para conhecer a vida da mãe ou entender a dor que ela sentiu. Não podia ter certeza, como Ragnor e Catarina pareciam ter. Não sabia se, quando a mãe descobriu a verdade, ainda o amava, ou se todo esse sentimento tinha se dissolvido na escuridão. Uma escuridão maior do que a conhecida pelas mães dos amigos, pois o pai de Magnus não era um demônio comum.

— E eu vi Satanás sucumbir — murmurou Magnus para a bebida — como um raio caindo do céu.

Catarina virou-se para ele.

— O que foi isso?

— Alegrem-se por terem seus nomes escritos no Céu, minha cara — disse Magnus. — Fico tão emocionado que rio e tomo mais um drinque, para não chorar.

Depois disso, deu mais uma volta lá fora.

Lembrou-se agora do motivo pelo qual disse aos amigos durante a bebedeira que queria ir a Moquegua. Magnus só tinha estado lá uma vez e não ficara por muito tempo.

Moquegua significava "lugar tranquilo" em Quíchua. A cidade era

exatamente isso, e foi precisamente esta a razão pela qual Magnus se sentiu pouco à vontade. As ruas de pedra, silenciosas, a praça com o chafariz de ferro fundido onde as crianças brincavam; aquilo não era para ele.

A filosofia de vida de Magnus era se manter em movimento, e, em locais como Moquegua, ele entendia por que era necessário continuar a se mover. Se não o fizesse, alguém poderia vê-lo como ele realmente era. Não que se achasse tão terrível assim, mas ainda havia aquela voz de alerta em sua mente: *continue andando ou a ilusão vai se destruir*.

Magnus lembrou-se de estar deitado sobre a areia prateada naquela noite no deserto, pensando em locais aos quais não pertencia e em como, às vezes, acreditava que, assim como acreditava na passagem do tempo e na alegria de viver a injustiça cruel e absoluta do destino, não havia no mundo um lugar tranquilo para ele, nem jamais haveria. *Não deves tentar o Senhor, teu Deus*.

Também não era sábio tentar os anjos, nem mesmo os caídos.

Balançou a cabeça para livrar-se da lembrança. Mesmo que fosse verdade, sempre teria uma nova aventura.

Você pode achar que a bebedeira espetacular e as orgias de Magnus tenham sido a razão pela qual ele foi banido do Peru, mas não é o caso. Por incrível que pareça, ele pôde voltar. Muitos anos depois retornou, sozinho desta vez, e de fato encontrou uma nova aventura.

1962

Magnus estava passeando pelas ruas de Cuzco, pelo convento de La Merced e por Calle Mantas, quando escutou a voz do homem. A primeira coisa que percebeu foi o quanto soava nasalada. A segunda foi que falava inglês.

— Não me importo com o que diz, Kitty. Continuo achando que poderíamos ter pegado um ônibus para Machu Picchu.

— Geoffrey, não há ônibus para Machu Picchu partindo de Nova York.

— Pois bem — Geoffrey se pronunciou após uma pausa. — Se a *National Geographic Society* cita o maldito local no jornal, poderia ter, no mínimo, providenciado um ônibus.

Magnus os vê passando pelos arcos que alinhavam a rua depois da torre do sino. Geoffrey tinha o nariz de um homem que jamais se calava. O sol estava muito quente e o ar, seco, e as bainhas outrora impecáveis da sua calça branca murchavam como uma flor triste e moribunda.

— Outra coisa aqui são os nativos — disse Geoffrey. — Imaginei que conseguiríamos umas fotos decentes. Achei que fossem mais coloridos, sabe?

— É quase como se não estivessem aqui com a função de entretê-lo — disse Magnus em espanhol.

Kitty virou-se ao escutar a voz, e Magnus viu um rosto pequeno e debochado, além de cabelos ruivos que se enrolavam sob a aba de um chapéu de palha muito grande. Os lábios se curvaram.

Geoffrey também se virou.

— Ah, muito bem, moça — disse. — Ele, sim, é o que chamo de colorido.

Isso era verdade. Magnus trajava mais de uma dúzia de lenços de cores diferentes, cuidadosamente arranjados para girarem como um arco-íris fantástico. Mas não se impressionou muito com os poderes de observação de Geoffrey, considerando que o homem aparentemente não conseguia imaginar que alguém com a pele morena podia ser um turista, como ele.

— Amigo, gostaria que tirasse sua foto? — perguntou Geoffrey.

— Você é um idiota — disse-lhe Magnus, sorrindo alegremente.

Magnus continuava falando em espanhol. Kitty engasgou com uma risada que se transformou em tosse.

— Pergunte a ele, Kitty! — disse Geoffrey, com ares de quem comandava um cachorro a executar truques.

— Peço desculpas por ele — disse ela, em um espanhol hesitante.

Magnus sorriu e ofereceu o braço com um floreio. Kitty saltou sobre o calçamento de pedras, tão lisas pelo efeito do tempo que pareciam água, e o tomou o braço.

— Ah, que graça, que graça. Mamãe vai adorar essas fotos — disse Geoffrey animadamente.

— Como você o aguenta? — perguntou Magnus.

Kitty e Magnus sorriram como atores, cheios de dentes, alegres e completamente falsos.

— Com alguma dificuldade.

— Deixe-me fazer uma proposta alternativa — disse Magnus entredentes e com um sorriso. — Fuja comigo. Agora. Será a mais incrível aventura, prometo.

Kitty o encarou. Geoffrey virou-se de costas, à procura de alguém que pudesse tirar uma foto dos três. Pelas costas do homem, Magnus viu Kitty começar a sorrir lenta e alegremente.

— Ah, está bem. Por que não?

— Ótimo — respondeu o feiticeiro.

Ele girou e a pegou pela mão, e eles correram, rindo, pela rua iluminada pelo sol.

— Melhor irmos depressa! — gritou Kitty, sem fôlego, enquanto aceleravam. — Ele logo vai perceber que roubei seu relógio.

Magnus piscou os olhos.

— Como?

Ouviu-se um barulho atrás deles. Soava perturbadoramente como uma confusão. Embora não fosse sua culpa, Magnus tinha alguma familiaridade com

o barulho da polícia sendo acionada, bem como com os ruídos de uma perseguição.

Puxou Kitty para um beco. Ela continuava rindo, e começou a abrir os botões da blusa.

— Provavelmente vão demorar um pouco mais — murmurou, e os enormes botões de pérola se abriram o suficiente para revelar o rico brilho de esmeraldas e rubis — para perceber que roubei todas as joias da mãe dele.

Ela deu um sorriso atrevido para Magnus, que gargalhou.

— Você aplica golpes em muitos ricos irritantes?

— E em suas mães — disse Kitty. — Eu poderia ter tirado deles toda a fortuna da família ou pelo menos a prata, mas um homem bonito me convidou para fugir com ele, e eu pensei: *por que não?*

Os ruídos da busca estavam mais próximos agora.

— Você está prestes a se sentir muito feliz com sua decisão — informou Magnus. — Como você me mostrou o que sabe fazer, acho justo que eu mostre o que sei.

Então estalou os dedos, criando traços de faíscas azuis para impressionar a moça. Kitty foi esperta o suficiente para perceber o que estava acontecendo assim que os primeiros policiais olharam para o beco e continuaram correndo.

— Não podem nos ver — sussurrou. — Você nos deixou invisíveis.

Magnus ergueu as sobrancelhas e fez um gesto de exibição.

— Como pode ver — falou. — E eles não.

Magnus já tinha visto humanos abalados, assustados e impressionados com aquele poder. Kitty se jogou em seus braços.

— Diga-me, estranho bonitão — falou. — O que acha de uma vida de crimes mágicos?

— Parece uma aventura — respondeu Magnus. — Mas me prometa uma coisa. Prometa que sempre vamos roubar dos irritantes e gastar tudo em bebida e inutilidades.

Kitty o beijou na boca.

— Juro.

Apaixonaram-se; não pelo tempo de uma vida mortal, mas por um verão mortal, um verão de risos, correrias e perseguições policiais em diversos países.

No fim, a lembrança favorita de Magnus daquele verão foi uma imagem que jamais tinha visto: a última foto na câmera de Geoffrey, de um homem com roupas coloridas e uma mulher que escondia pedras preciosas sob a blusa branca, ambos sorrindo porque sabiam uma piada da qual o fotógrafo não desconfiava.

Surpreendentemente, o súbito ingresso de Magnus numa vida de crimes também não foi a razão pela qual foi banido do Peru. O Alto Conselho de feiticeiros peruanos se reuniu em segredo, e uma carta foi enviada a Magnus meses depois, anunciando que fora banido, sob pena de morte, por “crimes

impronunciáveis". Apesar da insistência, jamais recebeu resposta quando perguntou qual tinha sido o motivo. Até hoje, o que quer que o tenha feito ser banido do Peru é — e talvez deva permanecer eternamente — um mistério.

As crônicas de Bane

Facebookda série
https://www.facebook.com/TheOfficialBaneChronicles

Notícia do lançamento do livro
http://fanficsmemoraveis.blogspot.com.br/2013/06/primeiro-conto-de-as-cronicas-de-bane.html

Site da autora Cassandra Clare
http://www.cassandraclare.com/

Entrevista com a autora Cassandra Clare
http://www.youtube.com/watch?v=c0kClk3iKYM

Página da autora Cassandra Clare na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Twitter da autora Cassandra Clare
https://twitter.com/cassieclare

Perfil da autora Cassandra Clare no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Site da autora Sarah Rees Brennan
http://sarahreesbrennan.com/

Página na WIkipédia da autora Sarah Rees Brennan
http://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_Rees_Brennan

Twitter da autora Sarah Rees Brennan
https://twitter.com/sarahreesbrenna